

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

Senhora na Boca do Lixo

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

2002

de Jorge Andrade

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

apresenta

Senhora na
Boca do Lixo

de
Jorge Andrade



Os paradigmas andradianos

Marise Pimentel Mendes

Passado e presente. Tradição e renovação. Padrões e instintos. Os conflitos vivenciados por Jorge Andrade, um homem dividido entre as terras familiares e a vocação dramaturgica, parecem percorrer as personagens de suas peças, estabelecendo uma espécie de categorização e demarcando uma recorrência de atitudes e valores.

É assim, por exemplo, que Izabel, de *Os ossos do Barão*, e Camila, de *Senhora na Boca do Lixo*, representam uma tentativa de ruptura com o passado. Apesar de toda a marca das tradicionais famílias paulistas, ambas conseguem vislumbrar a necessidade de buscar um novo mundo, conscientes da derrocada dos valores herdados. E percorrem a trajetória do herói em sua luta pela manutenção da honra.

Lucília, de *A moratória*, segue os passos de Camila e sacrifica-se em nome da família, trabalhando como costureira. Mariana, de *Pedreira das Almas*, também parece juntar-se à crença de uma nova realidade. Mas, diferentemente de Ana e Artuliana, de *Vereda da Salvação*, que querem partir para outras terras, decide permanecer na Pedreira, sacrificando-se em nome da honra e salvando o noivo Gabriel que, como Hélio, de *Senhora na Boca do Lixo*, representa a busca por um mundo mais justo.

Em contrapartida, Noêmia, de *Senhora na Boca do Lixo*, reflete o apego às tradições de Clélia e Lucrecia, de *Os ossos do Barão*, lutando por um mundo que não existe mais, e não conseguindo descobrir seu espaço em uma nova

configuração da sociedade. O mesmo acontece com Urbana, de Pedreira das Almas, Joaquim, de A moratória, e Mariana, de Rastro atrás, arraigados às leis e às terras de seus antepassados.

Em Rastro atrás, inclusive, Jorge Andrade parece delimitar suas personagens através de um duelo travado entre natureza e cultura. Ao lado de Mariana, seus filhos João José e Etelvina, espelho da mãe, buscam a manutenção dos valores da terra. Já Vicente, alter ego do dramaturgo, aspira uma vida em que possa dedicar-se à arte, herdando de sua mãe, Elisaura, o gosto pela literatura, e que é incentivado por Isolina, sua tia.

A natureza ressurgem em seu esplendor em Vereda da Salvação, marcando a trajetória de Manuel, um homem do campo que, quando vê a terra que cultivou ameaçada, resolve abandonar o sonho de buscar outras paragens, e de Dolor, a mãe de Joaquim, líder espiritual de colonos entregues a um fanatismo religioso. Dolor, para salvar o filho, sucumbe à loucura dos colonos e aceita a personificação de Maria, mãe do redentor, Joaquim. Ao contrário de Dolor, entretanto, Durvalina e Germana oferecem os próprios filhos em sacrifício.

E Jorge Andrade transpõe esta recorrência para além das personagens. Além de Marta, que percorre boa parte de sua obra, dois elementos surgem como aspectos fundamentais de sua dramaturgia: a árvore, simbolizando a terra, e o relógio, que marca o tempo, deixando para trás um passado e sua marca indelével, como revela o próprio autor: "Para se escrever sobre um meio, é necessário senti-lo até no sangue, e não poder viver nele. Assim como para escrever sobre um ser humano é necessário compreendê-lo, a ponto de amá-lo... e não poder fazer nada por ele - às vezes nem mesmo suportá-lo".

O eterno retorno

José Luiz Ribeiro

Considero Jorge Andrade um dos maiores autores da dramaturgia brasileira. Minha admiração se justifica diante de um fotógrafo que retrata a história do Brasil a partir das suas personagens e dos conflitos que as entrelaçam.

Esta é quinta peça que dirijo e a cada revisão deste autor sinto a humanidade, a narrativa segura e a ação dramática que delineiam uma delicada trama em que as emoções são retratadas diante de um mundo que muda rapidamente.

Sempre uma utopia que, apontada, chega a uma frustração e denuncia um mundo atabalhoado e cheio de injustiça social. O tempo morto e a necessidade de sobreviver são o grande mote que percorre a obra de Jorge Andrade. A recorrência ao relógio, lembrança perene de Cronos, e da árvore, um símbolo da vida atestam a dicotomia inexorável de vida e morte.

Senhora na Boca do Lixo demonstra que, mesmo depois de morto, o dramaturgo continua a perseguir problemas cruciais da sociedade brasileira. Camila, como outras heroínas de Andrade, é fruto da árvore genealógica que modela a nobreza paulistana, hoje decadente e em luta para integrar-se a uma nova ordem.

Noêmia, sua mãe, é o último brilho de um tempo de esplendor e riqueza. No ato de tentar a sobrevivência ela foge para o mundo dos sonhos, em sua cultura francesa requintada. Para habitar este mundo fantasioso ela comete pequenos delitos

de contrabando. Assim, sustenta seu mundo de viagens e fugas alienadas de uma realidade sufocada por princípios práticos.

O segundo ato marca o encontro de Noêmia com seu passado. No hall da casa de um velho nobre ela conheceu seu marido, pai de Camila, o grande amor de sua vida. A casa transformou-se em uma delegacia cheia de goteiras para os policiais que lá trabalham, mas não para a velha senhora.

Revisitar o passado é um exercício de memória que mantém vivas as experiências de um tempo feliz, hoje lançado ao furor do capitalismo selvagem. O delineamento do conflito familiar chega ao auge quando Camila testemunha contra a mãe, diante dos amigos e do delegado.

Já, na delegacia trava-se um combate entre o velho e novo e a ordem moral da sociedade. Hélio, o jovem delegado que namora Camila é o autor da ordem de prisão de Noêmia. Nos diálogos com Garcia, o velho Delegado discute-se a questão da ética do policial, diante da corrupção da sociedade, do poder dos contraventores. Uma luta insana entre o bem e o mal.

A riqueza do debate está na atualidade do tema e no conflito que mostra que um novo tempo está para chegar. Hélio e Camila lutam pela ética. Garcia entrega-se, como um velho sátiro às pequenas conquistas.

A cenografia prende-se a detalhes, da escadaria requintada em contraposição aos móveis monásticos da delegacia. O passado opulento, conservado nos lustres, nos papéis de parede, assinala o resquício de um tempo de requintes. Lustres, festas e luxo desapareceram na decadência de um prédio que, como delegacia, torna-se um atestado de pobreza e indigência.

O clima realista é envolvido pelo sonho do impressionismo; realidade e fantasia dialogam no mundo teatral de Jorge Andrade. Como imagens num espelho de cristal envelhecido as personagens se mostram como um reflexo que conduz a uma reflexão sobre o homem e o mundo.

A janela e o lustre

Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro

Nas casas as janelas mais importantes não são as que se abrem para a rua, mas aquelas dos fundos que deixam descortinar a intimidade verde dos quintais. As de frente permanecem, quase sempre fechadas, preservando a privacidade. Ao contrário, nos apartamentos, dos quais a privacidade é banida e as intimidades devassadas numa profusão de sons e imagens captadas, são as janelas da frente, que se abrem para a rua, as mais freqüentadas.

A reflexão de Roberto Corrêa Santos, parece-me bastante apropriada para o jogo de imersões e deslocamentos da razão e do sonho em *Senhora na Boca do Lixo*, de Jorge Andrade. Como sempre o dramaturgo colhe na janela de seu quintal a paisagem que recolhe marcas do passado de uma classe e ao assinar seu atestado de óbito o faz com rigor e profunda nostalgia.

Esta é de fato uma peça do tempo da delicadeza. E é assim, delicadamente, que se coloca o dedo nas feridas sociais, mas, ao mesmo tempo, se contamina com a sutileza as peças mais brutas e rudes que talham os tempos da objetividade prática.

Razão e des-razão são janelas contíguas nessa casa geminada de nossa memória. Um país, uma classe que busca construir la vie en rose e não percebe que se perde nos labirintos de mitos exteriores, trocando a janela de seu próprio quintal para apreciar, com janelas fechadas, objetos que trouxe de além-mar e não cabem mais na pequena sala. Noêmia é a encarnação da nostalgia (mesmo a de uma França que não existe mais). Camila, em contraponto, se pensa atual, dura, objetiva, justa e realista.

Sua janela é a vidraça do edifício do Tribunal de Justiça. Hélio está cristalizado pela lei que dali emerge e da qual é guardião. Triângulo complexo de desencontros no centro do qual está presa uma realidade de pesadelo.

A janela dos fundos da memória lê a delegacia sob a claridade das luzes do charme de uma Paris instalada nos salões de barões e baronesas em que o refinamento e o brilho criam uma caixa de jóias decorativa para a qual não há mais lugar. Mas só ela é capaz de entender a figura patética da mãe que espera o filho naquela delegacia decadente que agora ocupa na realidade o lugar de seu sonho. E é de "sonhos" a receita que dá a ela para que alimente os filhos.

A relação da Mãe com Noêmia é talvez um dos tons mais delicados e significativos da trama de Senhora na Boca do Lixo. É um ponto de cruzamento entre mundos intocáveis, mas de extrema semelhança. A contravenção adquire transparência: se a Mãe, vítima da sociedade de Noêmia, está desamparada com o marido preso por greve e o filho adolescente entrando na marginalidade, Noêmia, dentro de um mesmo clima de resignação, lê do real aquilo que extrapola à realidade: a greve que enfeia as ruas, os maltrapilhos que desafiam o bom gosto, a filha que a delata sem que ela consiga entender em que momento burlou a lei. E esses mundos se cruzam na mesma necessidade de fantasia para uma realidade cruel, a Mãe se encanta com o discurso alienado de Noêmia. Para ambas, na perda absoluta, esse é o único oásis e quando o lustre é apagado, tudo fica mais fácil, inclusive a perda da esperança.

Camila e Hélio recusam o sonho e se dirigem heroicamente em direção a uma utopia, sem perceber que lutam contra moinhos de vento e que o lado viscoso do passado são mais perigosos que seu ideal. Abrem a janela da frente, acendem o lustre, mas nem assim vêem os fantasmas que fazem deles instrumento de uma nova injustiça: a que pune os pequenos e absolve os grandes. O tempo que destruiu o mundo de Noêmia e fez do palacete uma delegacia é uma construção lenta que precisa fazer da memória a base da argamassa da nova história.

Divulgação: por um teatro total, comprometido e apaixonado.

Márcia Falabella

O teatro possui múltiplas faces e variados caminhos. Tantas máscaras, tantos palcos, tantos textos, tantos artistas se colocando em cena em tantas partes do mundo. O Divulgação, desde 1966, ano de sua criação, tem um comprometimento com uma prática teatral voltada para o exercício de cidadania, para a formação social, política e cultural de seu público e daqueles que trabalham para tornar esse sonho realidade. Há um compromisso apaixonado com o teatro e com Juiz de Fora.

Na celebração cênica de cada montagem prevalece o olhar que busca a sintonia com nossa aldeia. Teatro é comunicação em essência e só tem sentido se existir uma conexão com o público. Assim, o repertório do grupo, que ultrapassa cem montagens, percorre toda a história do teatro universal, desde a Antigüidade até os dias de hoje, reverenciando também os autores nacionais e possuindo uma dramaturgia própria, através das obras de José Luiz Ribeiro. Cada uma dessas peças, que ganharam vida cênica nos espetáculos do Grupo Divulgação, definiam uma relação direta com a realidade do país e da cidade.

Quando abrem-se as cortinas, o público não tem a dimensão de todo o trabalho que é feito anteriormente à estréia de uma peça. O Divulgação optou por uma prática integralizante, em que o ator se torna um verdadeiro operário da arte, porque não apenas se preocupa com os caminhos e descaminhos da interpretação de sua personagem, mas participa de todo o processo de produção do espetáculo. Isso dá a cada um de seus membros uma noção global

e sagrada do teatro como arte e contribui para formar um ser sensível, dinâmico e criativo.

Perseguindo o seu ideal de um teatro comprometido socialmente, o Divulgação inseriu no cenário teatral da cidade um conceito de teatro popular, ao trazer para o Forum da Cultura, desde a década de 80, um público de comunidades de periferia e de escolas públicas. Muitas delas jamais haviam assistido a um espetáculo. Um projeto que inspirou a criação de uma série de grupos teatrais.

Numa entrega apaixonada e desvairada pelo teatro, o Divulgação, que começou apenas com o intuito de estudar teatro, ampliou suas atividades para além dos espetáculos adultos e infantis, criando cursos para adolescentes e terceira idade. Uma vivência pedagógica do teatro que aprofundou ainda mais as raízes do grupo com a cidade. Sem contar a realização anual de seminários, que trazem a Juiz de Fora profissionais dos grandes centros de produção cultural como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Manter uma coerência durante todos esses anos não é tarefa fácil. A cada novo projeto, uma nova pesquisa, um novo desafio e um novo recomeço. São 36 anos de trabalhos ininterruptos e ainda há tanto por fazer e aprender. Mesmo quando o teatro se fragiliza frente às conquistas da mídia eletrônica e às ofertas modernas da indústria do entretenimento; mesmo quando a miséria priva as pessoas de consumirem diversão; mesmo quando a sociedade midiática, globalizada e violenta aprisiona o indivíduo amedrontado dentro de sua casa, ainda assim, o teatro sobrevive, porque é feito de matéria viva, emoção e comunhão.

No teatro depositamos a esperança de um mundo melhor. O teatro é um espaço vivo de resistência a essa nova ordem. Se alimenta do aqui e agora, por isso é instrumento revelador de uma identidade. Não podemos esquecer que um povo sem identidade é um povo sem memória e um povo sem memória é um povo dominado. E essa é a trincheira do Divulgação - acreditar que "mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro" (Lorca) e, através do teatro, acalantar seu público e criar uma história.

Quem viu fala sobre Senhora na Boca do Lixo

“Uma ótima peça, de um autor brasileiro que não pode ser esquecido, por sua importância na evolução do nosso teatro.”

Lucas Marques do Amaral - Professor - Juiz de Fora

“ Linda! É a nossa realidade, onde apenas assistimos não podendo punir os infratores detentores do poder.”

Maisa Abranches - Juiz de Fora

“ A peça retrata de maneira sutil e hilariante momentos vividos em nosso país. Gostei muitíssimo.”

Antônio Carlos Martins Teixeira - Engenheiro - JF

“ Texto forte como Jorge Andrade sabe escrever. Interpretação real como o Divulgação sabe ler.”

Laura Nívia Dias Aguiar - Jornalista - Divinópolis

“ Bravo! Gostei do tema e das críticas”

Marco Cotta - Restaurador - Paris

“ Em todos os aspectos, emocionante e perfeito”

Fernando Fiorese Furtado - Professor - Juiz de Fora

“ Espetacular, cenário maravilhoso, tudo”

Danielle Guimarães - Protética - Juiz de Fora

“ A peça é muito boa e discute vários valores da nossa sociedade com um toque de humor.”

Vanessa Oliveira Antunes da Costa - Universitária -JF

“ Retrata bem a sociedade paulista que obtinha privilégios junto às autoridades e até à igreja.”

Fernanda Cristina de Almeida - CTU - Juiz de Fora

“ Um retrato do Brasil atual”

Antônio Carlos Furtado - Advogado - Juiz de Fora

“ Mostra como uma sociedade decadente vive uma ilusão”

Oscar Monteiro Guimarães - Funcionário Publ. - JF

“ Muito boa. Além de D. Noêmia e da primeira prostituta, a grande interpretação foi da mãe que aguardava o filho.”

Cesar Motta - Enfermeiro - Juiz de Fora

“ Uma maravilha!”

Maria Creusa de Souza Santos - Do lar - Juiz de Fora

“ Como já era de esperar, o Divulgação é surpreendente, inclusive na escolha dos textos.”

Maria Celeste Freire Corrêa - Assistente Social - JF

“ Retrata uma realidade cada vez mais presente na sociedade brasileira.”

Lígia de Souza Scotelano - Professora - Juiz de Fora

“ De uma poesia incrível !”

Joana Paula Barbosa Gonçalves - Universitária - JF

O público e o Divulgação

“É um grupo que leva o teatro a sério, dando condições a pessoas carentes de conhecer o teatro.”

Sheila Reis Pires - 19 - atendente.

“Grupo atuante que procura levar ao público o lazer de uma forma consciente, crítica e objetiva.”

Regina Célia Guimarães - 34 - professora.

“Gosto do trabalho, da seriedade, da regularidade de suas apresentações, enfim, da qualidade artística.”

Iêda Loureiro - 38 - professora.

“O grupo trabalha com atores muito profissionais, primando pela qualidade do roteiro, iluminação e maquiagem.”

Josie Bastos - 22 - universitária.

“Como sempre direi! Que bom que temos o Divulgação, motivo de orgulho. E que pena que falta mais investimentos.”

Dygmer Fernando - 22 - vendedor.

“Excelente. De grande importância cultura para a cidade e região.”

Geanete G. de Santos - 39 - professora.

“Algumas palavras: dedicação, compromisso, exemplo.”

João Humes - aposentado.

“O grupo Divulgação não deixa que a magia do teatro se perca com o tempo.”

Marcelo Menezes Valério - 26 - advogado.

“Como o próprio nome diz, é o grupo que divulga a cultura, a alegria e nos faz acreditar que a vida é uma arte e a arte se faz com alegria.”

Rosemeria Alves de Paula Moreira - 36 - professora.

“Um grupo que consegue retratar com inteligência e simplicidade temas atuais e de reflexão.”

Elzira Lemos Ferreira Burgido - 35 - dona de casa.

“Um ótimo grupo, consegue integrar a platéia à peça e transmite bem o que se passar.”

Ana Lúcia Eveling - 35 - estudante.

“Sua história permanece na luta pelo despertar de consciências através da arte, do papel do grupo na sociedade, tocar cada espectador pelo bom gosto, primor e talento.”

Fabiana Nogueira Neves - 27 - radialista.

Centro de Estudos Teatrais
GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

**Senhora na
Boca do Lixo**

de Jorge Andrade

Camila	Marise Mendes
Noêmia	Márcia Falabella
Elvira	Fernanda Bastos
Isméria	Cristina Braga
Carmem	Franciane Lúcia
Simon	Marcos Cardoso
Hélio	Júlio Andrade
Guarda	Paulo Moraes
Dr. Garcia	José Luiz
Mãe	Aline Louise
Policial	Táscia Souza
Fotógrafo	Marcos Araújo
Pé de Chinelo	Fátima Amorim
Dr. Penteado	Gustavo Burla
Shirley	Franciane Lúcia
General	José Luiz
Pe. Marcelo	Marcos Araújo
Malu	Franciane Lúcia
Sonotécnica	Josiane da Silva
Iluminotécnica	Juliane Mathiole
Cartaz	Augusto França
Figurino	Malu Ribeiro
Cenário, desenho de luz e direção	José Luiz Ribeiro

Apoio: Virgínia Fonseca * Jaqueline Glauber * Débora Curcio * Elena Duarte *
Simone Veloso * Flávia Ferreira * Taisy Mattos * Flávia Cocate * Gislene
Rodrigues * Adelaine Scalco * Tell Guerson * Leonardo Alvim

GRUPO DIVULGAÇÃO ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção
O homem do século XX
Antologia da mulher
Amor em verso e canção II
Nosso amor em verso e canção
Poemas operários
Poemineiros
Versos e Cantigas

ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina
Coral Universitário
Belmiro, Murilo e Pedro Nava
Camões
A menina casadoira
Pic-nic no front
Sganarello
Lição de Molière
Farsa do Mestre Pathélin
Manuel, Bandeira do Brasil
Molière
A incelença
Minha sogra é da polícia
OH! A mulher!
Os Divertimentos do Rei
Sertaneja
A gata borralheira
Sassaricando
A pousada do Marreco Verde
A estranha história de Evlyn Roe
Canto por Federico
Viva o Zé Pereira
I love you Juju
A sapateira prodigiosa
Estação Esperança
Cantando Cecília
As meninas do experimental
Festa Brava

João Cabral de Mello Neto
José Luiz Ribeiro (texto)
José Luiz Ribeiro (org.)
José Luiz Ribeiro (sel.)
Eugène Ionesco
Arrabal
Molière
José Luiz Ribeiro
Anônimo medieval
Malu Ribeiro (org.)
José Luiz Ribeiro
Luiz Marinho
Gastão Tojeiro
José Luiz Ribeiro
J. Eduardo Vendramini
José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz e Malu Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Federico Garcia Lorca
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro

TEATRO INFANTIL

A onça de asas
O circo de bonecos
História de lenços e ventos
Nem tudo está azul no país azul
Guairaká
O embarque de Noé
D. Baratinha
A gema do ovo da ema
A colcha do gigante
Girassinho
Putz, a menina que buscava o sol
A noite dos duendes
Bem do seu tamanho
Sonho Pirata
Passa, passa, assombração
D. Chicote Mula-Manca
O rouxinol do pescador
O caju encantado
Estórias pra boi dormir
O carteiro do rei
O dragão verde
O mistério das nove luas
A Chapeleira da Rua Azul
O patinho feio
Guairaká (II)
A Guerra dos legumes
Generosa@fada.com
O Rei de Quase-Tudo

Walmir Ayala
Oscar von Pfuhl
Ilo Krugli
Gabriela Rabelo
José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
José Luiz Ribeiro
Sylvia Orthoff
Zuleika Mello
José Luiz Ribeiro
Maria Helena Kühner
José Luiz Ribeiro
Ana Maria Machado
Liliana Neves
José Luiz Ribeiro
Oscar von Pfuhl
José Luiz Ribeiro
Paula Schmidt
José Luiz Ribeiro
Tagore/José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
Ilo Krugli et alii
José Luiz Ribeiro
Ronaldo Boschi
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro

OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião	Nerthan Macedo
O urso	Tchekov
Bodas de Sangue	Garcia Lorca
Electra	Sófocles
Diário de um louco	Nicolai Gogol
Pequenos burgueses	Máximo Gorki
A visita da velha senhora	Dürrenmatt
Escola de mulheres	Molière
Escorial	Ghelderode
Romanceiro da Inconfidência	Cecília Meireles
Maria Stuart	Schiller
A morta	Oswald de Andrade
O patinho torto	Coelho Netto
Yerma	Garcia Lorca
Seis personagens em busca de autor	Pirandello
As criadas	Jean Genet
Arlequim servidor de dois amos	Carlo Goldoni
Calígula	Albert Camus
Guerra mais ou menos santa	Mário Brasini
Pedreira das almas	Jorge Andrade
Só o faraó tem alma	Silveira Sampaio
O beijo no asfalto	Nelson Rodrigues
Mas que papel, seu bacharel!	José Luiz Ribeiro
O estado de sítio	Albert Camus
Boca do inferno	Marcus Vinícius
A mandrágora	Maquiavel
O rei da vela	Oswald de Andrade
Como se fazia um deputado	França Júnior
Dr. Getúlio, sua vida e sua glória	Dias Gomes/F. Gullar
O jardim das cerejeiras	Tchekhov

Esta noite se improvisa	Pirandello
O inspetor geral	Nicolai Gogol
Fausto	Goëthe
Girança	José Luiz Ribeiro
A casa de Bernarda Alba	Garcia Lorca
Grito mudo	José Luiz Ribeiro
As aventuras do tio Patinhas	Augusto Boal
A aurora da minha vida	Naum Alves de Souza
Canga	José Luiz Ribeiro
O mercador de Veneza	William Shakespeare
O santo milagroso	Lauro César Muniz
Rasto atrás	Jorge Andrade
Era sempre primeiro de abril	José Luiz Ribeiro
Todomundo	José Luiz Ribeiro
Édipo-Rei	Sófocles
O burguês fidalgo	Molière
Vereda da salvação	Jorge Andrade
Il teatro comico	Carlo Goldoni
Como se come um homem	S. Mrozek
A torre em concurso	J. Manuel de Macedo
O homem e o cavalo	Oswald de Andrade
A escada de Jacó	José Luiz Ribeiro
Cervantina	Miguel de Cervantes
O devoto	José Luiz Ribeiro
O príncipe rufião	José Luiz Ribeiro
Viva a Nau Catarineta	Altimar Pimentel
Os ossos do barão	Jorge Andrade
Girança (II)	José Luiz Ribeiro
O último portal	José Luiz Ribeiro
Botanágua	José Luiz Ribeiro
A trupe da Paz	José Luiz Ribeiro
Senhora na Boca do Lixo	Jorge Andrade

AGRADECIMENTOS:

Reitora da UFJF:
Prof. Maria Margarida Martins Salomão.

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura.

Aos que, durante esses 36 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência.

Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que

“Mede-Se A Cultura De Um Povo Pelo Seu Teatro”
García Lorca